

## OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE

# Economia, política e conflito de interesses

Para os “donos do mundo”, apostados na continuidade da financeirização da economia, mais vale a sua continuação que a transparência e o bem-estar social



**Carlos Pimenta**

1. “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há-de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro” (Mateus 6:24). Ninguém pode defender interesses diferentes que entram em antagonismo sem abdicar, total ou parcialmente, de um deles. Eis a expressão bíblica do conflito de interesses que aumenta a probabilidade de actos fraudulentos, políticos e económicos.

2. Aqui e além alguns conflitos de interesse são desmascarados. É o caso da Arthur Andersen quando do encerramento fraudulento da Enron (EUA, 2002): sendo simultaneamente consultora e a auditora desta, as suas auditorias nunca revelaram as graves fraudes cometidas. Foi à falência e a lei passou a impedir o desempenho dessas duas funções pela mesma empresa.

Mas, na maior parte dos casos, os conflitos existem, perduram, consolidam-se e geram fraude, compadrio e corrupção.

As empresas de rating são um exemplo dessa perenidade. Elas foram uma das pedras angulares da proliferação da titularização dos créditos, que desembocou na crise actual. Pagos para classificar quem lhes pagava, possuidores de informação privilegiada, influenciando a montante as cotações dos títulos e aproveitando a jusante as alterações de cotação. Para “informar”, jogou com responsabilidades divergentes e lucros convergentes, com desinformação. Sem qualquer regulação ou fiscalização.

Apesar disso continuam hoje a ser uma referência. Para os “donos do mundo”, apostados na continuidade da financeirização da economia, mais vale a sua continuação que a transparência, a regulação, e o bem-estar social.

3. Também o BPN está prenhe de conflitos de interesse: entre responsabi-

lidades políticas e interesses privados, na constituição e funcionamento do banco; entre os discursos eleitorais e os lucros de associação criminosa; entre o imperativo de políticas públicas adequadas e o apoio à camarilha amiga; entre as negociatas e crimes e a representação da Nação a que estavam vinculados.

Há conflito de interesses quando deputados aprovam leis que se aplicam a seus clientes, familiares e amigos. Quando organismos fiscalizadores são financiados pelos que devem ser controlados. Quando a OCDE é a principal agência reguladora de cooperação e combate à evasão fiscal e muitos dos paraísos fiscais plenos de secretismo são dos países que a constituem.

Enfim, há um conflito de interesses quando a esfera política está subordinada à actividade económica, não se cumprindo o mínimo que lhe seria exigível: “é fundamental assegurar-se a efectiva submissão do poder económico ao poder político democrático” (primeiro programa do PPD).

4. Também na recente privatização dos CTT os conflitos de interesse despon-

taram: quem avaliou o preço das acções a praticar na OPV foram instituições financeiras que iriam utilizar esses títulos em futuro proveito próprio. Uma privatização polémica, um encaixe financeiro a quem do possível, quiçá um diferencial a ser pago por nós. Um processo que envolve ainda o conflito de interesse entre um governo livremente prisioneiro do capital financeiro e a representação do país a que está constitucionalmente vinculado.

5. A “sociedade de mercado” é um opaco mundo de conflitos de interesse.

É inimaginável exterminá-los, mas, simultaneamente, é mortal nada se fazer contra a sua existência. É um imperativo categórico percorrermos dois caminhos: (1) romper a promiscuidade entre poder político e poder económico e afirmar o primado da democracia; (2) contribuirmos para a difusão da honestidade e da ética.

*Escreve à sexta-feira*



**Há conflito de interesse quando a política está subordinada à economia**

## SESSÕES CONTINUAS



**LAURO ANTÓNIO**

### Uma questão de cultura

Quando se viaja lá por fora e dizemos que somos portugueses, invariavelmente nos falam de Eusébio, Figo, Ronaldo, Mourinho, Fado, Amália, Camões, Fernando Pessoa, José Saramago, sardinhas assadas ou pastéis de nata, os descobrimentos (“um país de descobridores!”), a Torre de Belém ou os Jerónimos, Joana Vasconcelos ou Manoel de Oliveira, Lisboa, Porto, Algarve, o Douro, Mariza ou Carminho, Salazar (por maus motivos), a revolução do Cravos (por bons motivos) e, com uma ou outra excepção, estes são os assuntos. Em 95% dos casos os temas são a cultura portuguesa. Agora talvez se fale da crise, da troika, da dívida, tudo coisas a evitar. O que nos distingue, a nós (ou a qualquer outro povo) é a nossa cultura, a nossa arte.

Não é um fenómeno português apenas, mas nesta altura, a cultura anda muito depreciada, pelo governo e pelas altas instâncias, políticas e económicas. Houve um tempo em que um fascista espanhol disse que “quando lhe falavam de cultura puxava da pistola”. Para alguns figuras portugueses, agora, quando lhe falam de cultura puxam logo do livro de contabilidade. E falam de cifrões. O caso Miró é muito significativo, mas ele é apenas uma consequência de tudo o resto. Esta gente anda toda a ler a cartilha do “Lobo de Wall Street”. Se o que nos move na vida é perseguir a felicidade, se o usufruto do prazer nos conduz à felicidade, então para esses “correctores de bolsa” o prazer está em ter muito dinheiro, drogas e sexo. Até deixaram cair o rock and roll. Para esses senhores, solidamente implantados no sistema e a viverem como nababos, a cultura é apenas dilettantismo de uns quantos parasitas que querem é viver à custa do erário público, quando o erário público só deve estar reservado para cobrir as suas falências, as suas falcatruas, a sua mediocridade, a sua incompetência.

Não se dão conta de que se somos conhecidos no mundo, se há turismo, se há prestígio, se há cifrões a entrar no erário público, grande parte se deve à cultura e à arte, quer seja a dos nossos antepassados, quer seja a dos presentes?

*Cineasta*

*Escreve à sexta-feira*